

Ouvir mais do que falar.

Um agradecimento especial a Paquete de Oliveira, defensor dos leitores

Autora Céu Mota

O que guardo do breve convívio com o ex-Provedor do Leitor do *Público*, o Prof. Paquete de Oliveira, era a sua capacidade para ouvir, mais do que falar. Uma pessoa muito acessível e que tudo fez pelo leitor e pela divulgação das iniciativas do grupo dos leitores. Fez sempre referência aos Encontros Nacionais, destacando-se o artigo “O jornalismo dos ‘cidadãos comuns’”, publicado a 6 de abril de 2015 no *Público* e que versava sobre o 2º Encontro em que esteve presente.

Recordo algumas ideias:

Respondendo ao convite que me foi dirigido, como provedor dos leitores do PÚBLICO, estive presente na qualidade de observador. Tanto quanto constatei não se trata de uma organização formal, mas de um movimento espontâneo articulado através de redes sociais e com blogues editados, com a preocupação de dar uma resposta a compromissos que assumem de cidadania participativa. (...) Este grupo que reuniu uma vintena de cidadãos não se arroga o direito de representação do mais vasto número de cidadãos que, habitualmente ou ocasionalmente, enviam cartas para as direcções dos jornais. Mas pretende que esse grupo aumente, multiplique as suas redes de contacto, e não desista de exercer uma participação activa que tem o carácter de um dever cívico. (...) Reconhecem estes leitores a limitação de espaço que lhes está reservado por condicionamentos de planificação em custos e organização editorial, mas gostariam de ver esse “seu” espaço aumentado. Concordam que as suas cartas muitas vezes a exprimir um gesto espontâneo e reactivo se confrontam com os critérios editoriais que respeitam. (...) Creio ser correcto afirmar que a secção Cartas à Directora é um espaço que o PÚBLICO consagra com importância e algum relevo. Como provedor, confesso, – talvez pelas minhas funções – que é a secção que logo vou à procura. Perceber os leitores e, em especial, nas suas expressões de discordância, protesto, crítica, sugestão, é decisivo para a garantia de um elo que fortalece sentido e transparência a um jornal. E é, sobretudo, obrigação para um jornal que quer estar ao serviço de uma sociedade democrática.

Antes de o ter conhecido pessoalmente, já percebia nas suas palavras, ainda que por *e-mail*, a sua relação próxima com os leitores, como por exemplo nesta mensagem que me

enviou a 14 de março de 2014, quando lhe comentava que, desde 2006, o *Público* não exibia o nome dos leitores que escreviam e publicavam as suas cartas nos jornais:

Ao rever, como faço ao fim de cada semana, o muito correio recebido, verifico que não agradei a sua mensagem, tanto mais que esta é positiva e de louvor para O PÚBLICO, o que no correio que recebo não é muito comum. De facto, como salienta, este é um dos grandes serviços que o PÚBLICO presta aos seus leitores e portugueses em geral. Quanto ao reparo que faz relativamente às cartas de 2006 não terem a indicação do autor, confesso que não sei. Contudo, vou retransmitir este seu email à Direcção.

Nos últimos encontros, a saúde já não lhe permitia repetir a participação. No entanto, manifestava-se muito interessado no que conversávamos nestes espaços: “Folgo bastante pelo êxito do vosso Encontro. Aguardarei com interessada expectativa o vosso provável comunicado final. Da minha parte garanto que só não estive presente, por motivos de saúde neste momento a me limitarem por indicação médica”.

O serviço prestado por Paquete de Oliveira foi, na perspetiva de quem lê e escreve para os jornais, um justo exercício da defesa da cidadania crítica de quem procura conhecer mais, alargar horizontes, conhecer outros mundos e opiniões.



Figura 1: Fotografia do convívio entre leitores, durante o 2º Encontro, em 2014

Céu Mota
julho de 2017